



Sob pressão externa, arroz eleva o custo da cesta básica

Pressionado por demanda mundial, cereal aumentou 10% somente na semana passada e foi o responsável pelo encarecimento dos alimentos, que tiveram alta de 1,91%

O arroz é o produto que mais pressiona a alta dos preços de Alimentação dentro do Índice de Cesta Básica (ICB), medido pela Esalq Jr. Economia. Para o consumidor final, os preços subiram, em plena safra,

cerca de 10%, provocando alta 1,91% na cesta básica na quinzena de 19 a 23 de maio, que passou de R\$ 284,55 para R\$ 289,99. Para Silvia Helena Galvão de Miranda, professora do Departamento de Economia da

Esalq e pesquisadora do Cepea, responsável pelo indicador de preço do arroz em casca do Rio Grande do Sul, a alta na demanda mundial pegou o Mercosul de surpresa, uma vez que seu estoque também estava muito baixo

e não podia abastecer a demanda externa, apesar da pressão. Para a pesquisadora, elementos subjetivos também compuseram a expectativa de aumento, porque o produtor viu oportunidade de ganhar mais.

Arroz sofre pressão externa e impulsiona alta na cesta básica

Crescimento da demanda mundial do cereal levou produtores a ampliar estoques e valorizar o produto no mercado brasileiro; para pesquisadora, elementos subjetivos também compuseram a expectativa de aumento

Romualdo Cruz Filho
romualdo@tribunatp.com.br

O arroz é o produto que mais pressiona a alta dos preços na alimentação, segundo o Índice de Cesta Básica (ICB) calculado pela Esalq Jr. Economia. De acordo com dados do Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea), da Esalq/USP, em termos absolutos, a saca de 50 quilos de arroz em casca tipo 1, pago ao produtor, subiu quase 57% de meados de março até segunda-feira, 26, passando de R\$ 22,27 para R\$ 34,89.

Para o consumidor final, os preços subiram, em plena safra, cerca de 10%, provocando alta 1,91% na cesta básica na quinzena de 19 a 23 de maio, que passou de R\$ 284,55 para R\$ 289,99. E o pacote de 5 quilos de arroz

fechou o período a R\$ 10,40. O item Alimentos, portanto, aumentou 2,79%, variando de R\$ 218,70 para R\$ 224,79. O item Limpeza teve alteração quase irrelevante, 0,05%, enquanto o item Higiene apresentou declínio de 2,19%.

São várias as explicações para o arroz estar com preço tão vulnerável. A alta mundial do produto foi provocada pelo aumento da demanda em escala global, como a entrada massiva de novos consumidores no mercado, principalmente nos países asiáticos, com a agravante de diversos países suspenderem as exportações do cereal, como é o caso do Camboja, Malásia, Cazaquistão, Vietnã, Índia, Indonésia e Egito.

Para Silvia Helena Galvão de Miranda, professora do Departamento de Economia da Esalq e pesquisadora do Cepea,

responsável pelo indicador de preço do arroz em casca do Rio Grande do Sul, a alta na demanda mundial pegou o Mercosul de surpresa, uma vez que seu estoque também estava muito baixo e não podia abastecer a demanda externa, apesar da pressão.

No caso do Brasil, são consumidos 13 milhões de toneladas de arroz por ano e o estoque estava, antes da venda da nova safra, em 1,9 milhão de toneladas, o que garante o abastecimento para pouco mais de um mês. Com o início da safra, pela lógica, o preço do produto deveria estar em queda, uma vez que os produtores não costumam ser influenciados pelos preços internacionais. "Mas, coincidentemente, quando a safra de arroz começou, estava no turbilhão da crise de alimentos e o preço do arroz subiu muito in-

fluenciado pela notícia de aumento das commodities".

Para a pesquisadora, elementos subjetivos também compuseram a expectativa de aumento, porque o produtor olhou para o mercado internacional e percebeu que internamente a demanda estava muito próxima da oferta, vindo aí a oportunidade de ganhar mais. Ao mesmo tempo, o produtor entrou nesta safra em situação mais favorável, tanto em relação aos benefícios recebidos pelo governo, por intermédio de políticas agrícolas, como em relação à capacidade de estocar o produto. Silvia observa que entre 2007 e 2008 houve aumento da capacidade de armazenagem, o que deixou os produtores do Sul em situação ainda mais confortável para agir no mercado, uma vez que eles não precisavam vender tudo de uma só vez.